



AÇÃO COMUM

Rio de Janeiro agosto 1980

ano 2 Nº 9

novo mobral · ação comum · ação comunitária · novo mobral · ação comum · ação comunitária

MOBRAL BIBLIOTECA

ORIGEM *docepa*

Cr\$

DATA 15/09/1980

MOBRAL E BANCO DO NORDESTE FIRMAM CONVÊNIO

Visando à realização de cursos que se destinam a formar trabalhadores para o setor primário da atividade econômica, o agropecuário, na modalidade do Programa de Educação Comunitária para o Trabalho, do MOBRAL, foi assinado um convênio entre o MOBRAL e o Banco do Nordeste do Brasil. O PETRA, como é conhecido este programa, tem um modelo operativo extremamente simples, onde quem sabe mais ensina a quem sabe menos, num aproveitamento em prol da comunidade do conhecimento técnico de alguns de seus membros.

O convênio foi assinado após reunião realizada em Fortaleza, no Ceará, com a presença dos Agentes de Profissionalização da Coordenação daquele Estado, além do Dr. Gilson Eduardo Bezerra, Diretor de Engenharia Rural e Coordenador do Projeto Sertanejo do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas; Francisco Alves de Souza, engenheiro-agrônomo, Coordenador do Projeto junto à EMATER; Luiz Alberto Fonseca de São Bernardo, Técnico em Desenvolvimento Agrícola e Chefe da Divisão de Estudos e Projetos Especiais do Banco e Antônio Enock de Vasconcellos, Técnico em Desenvolvimento Econômico do mesmo Banco.

OS CURSOS

Os cursos, de pequena ou curta duração, terão os seguintes temas: Trabalhador na Cultura de Banana; Vacinador; Enxertador; Conservador de Solos; Operador de Máquinas Agrícolas; Trabalhador na Cultura de Algodão; Trabalhador na Bovinocultura (gado de leite e corte); Trabalhador na Cultura do Milho, Feijão, Cana-de-Açúcar e, finalmente, Trabalhador na Caprinocultura.

O convênio/projeto visa a capacitar dez mil trabalhadores rurais, atendendo prioritariamente à faixa da população brasileira localizada em áreas rurais nordestinas, a fim de beneficiar um segmento social carente de conhecimentos técnico-ocupacionais, relacionados com o processo de produção existente, contribuindo para minorar o êxodo rural tão dramático, especialmente em época de seca.

Os cursos serão desenvolvidos nos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, abrangendo cento e setenta e quatro municípios, num total pretendido de mil cursos.

O Projeto Sertanejo, ao qual se agrega agora o convênio MOBRAL/BNB, é iniciativa do Governo Federal para desenvolver a região semi-árida do Polígono das Secas.

Além do Presidente do MOBRAL, Arlindo Lopes Corrêa, que assinou o convênio, também esteve presente ao ato a Gerente de Profissionalização, Rosa D. Stepanenko.

Os cursos foram iniciados em julho e o convênio terá a duração de um ano.



Corrida de Jangada

As praias de Iracema, Meireles, Volta da Jurema, Náutico e Mucuripe levaram milhares de pessoas a assistir, em Fortaleza, dia 6 de julho, à 13ª REGATA DRAGÃO DO MAR.

Com o arrojo e a coragem de verdadeiros heróis, os três primeiros colocados foram os mestres José Evangelista da Silva — jangada 019, Raimundo Pereira Quintino — Jangada 139 e mestre Francisco Monteiro — jangada 138.

Entre as velas oriundas de diversas colônias de Fortaleza estava a de nº 128, cor laranja, com as inscrições NOVO MOBRAL: AÇÃO COMUM.

Sob o comando do mestre Francisco dos

Santos, a vela mobralense foi especialmente cedida pelo Ministério da Marinha para a competição náutica e como prêmio ao mestre de jangada.

Enquanto aguardava a chegada na Praia do Náutico, o público pôde assistir às apresentações de "shows" folclóricos a cargo da Colônia de Pescadores do Mucuripe, Grupo de Tradições Cearenses da Universidade Federal do Ceará e do Centro Social Urbano Presidente Médici, animados pelo conjunto de quadrilha junina do Centro Social Urbano e a presença da Banda da Polícia Militar.

MOVIMENTO JOVEM JOÃO PAULO II: JUVENTUDE NA COMUNIDADE.



Impressionado com a fala do Papa João Paulo II à juventude em Belo Horizonte, onde o Sumo Pontífice estimulava a construção de uma nova sociedade — alertando contra o fenômeno das manipulações de que muitas vezes os jovens são alvo — o Presidente do MOBRAL, Sr. Arlindo Lopes Corrêa, sugeriu a todas as coordenações do órgão a criação do MOVIMENTO JOVEM JOÃO PAULO II.

A passagem do Papa pelo Brasil, segundo Arlindo Lopes Corrêa, serviu como "alerta sobre a interdependência dos homens, sobre a indispensável necessidade de solidariedade, sobre o dever de doação aos carentes".

LIÇÃO PAPAL

Acentuando o compromisso social do MOBRAL, o Presidente do órgão falou ainda do "impulso espiritual sob o qual todos se sentem agora, independente de crenças ou descrenças, pela beleza das lições

e exortações de João Paulo II".

O Movimento se desenvolverá através do papel catalisador, organizador do MOBRAL, começando pelas capitais, onde estão situadas as coordenações do órgão para expandir-se aos demais municípios. De acordo com suas características, os jovens executarão tarefas simples ou complexas, dependendo da oportunidade.

Leitura para cegos, visitas a orfanatos e asilos, formação de grupos para angariar doativos, brincadeiras, roupas e agasalhos, são algumas das atividades dos jovens a serem mobilizados.

DEFESA ECOLÓGICA

A juventude poderá ainda formar núcleos de defesa ecológica, para a realização de trabalhos de proteção aos animais e vegetais, para fazer campanhas de arborização e reflorestamento, para a limpeza e criação de novas áreas verdes, parques e praças. Os integrantes do MOVIMENTO JOVEM JOÃO PAULO II poderão ser também monitores voluntários dos programas do NOVO MOBRAL; elementos de recrutamento de novos participantes para suas atividades de educação onipresente, organizadores de ruas de lazer e colônias de férias.

"O essencial", concluiu Arlindo Lopes Corrêa, "é que os jovens querem e precisam participar, pois esta é a mais potente forma de educação que se lhes pode dar. Essa possibilidade nós lhes vamos proporcionar através do MOVIMENTO JOVEM JOÃO PAULO II".

A PALAVRA DO PRESIDENTE

Este é o último número do Ação Comum cuja circulação se restringe quase que só aos componentes da família MOBRAL. A partir dele vamos atingir públicos crescentes até chegarmos a uma tiragem que o consagre como um dos mais difundidos jornais comunitários de todo o mundo.

Nesse momento é conveniente colocar nossa opinião acerca de uma questão que freqüentemente surge em nossas conversas com os companheiros do MOBRAL.

Uma das modalidades de implementação da ação comunitária é o contato e posterior trabalho conjunto com os grupos comunitários já organizados. Ocorre que alguns desses grupos estão voltados exclusivamente para a reivindicação e até para a contestação. Perguntam-nos se é conveniente abordá-los. Respondemos que sim, pois a metodologia de ação comunitária do MOBRAL tem uma forte componente educativa, norteada no sentido de criar na comunidade a disposição para participar das soluções dos seus próprios problemas, não se restringindo ela apenas a apontá-los e lamentá-los.

Essa resposta é verdadeira até para a atuação junto a grupos comunitários marcados por posições ideológicas radicais. Já que a proposta de ação comunitária do MOBRAL é eminentemente democrática, mostrando como os homens devem conviver em meio às suas aspirações e opiniões divergentes; como acreditamos em nosso trabalho e em nossa proposta, nada há a temer. Os radicais, aqueles que usam o trabalho comunitário para atingir fins destrutivos, serão deixados de lado pelos demais que constituem a maioria muitas vezes silenciosa, à qual daremos voz. É claro que os poucos radicais profissionais não se deixarão educar para a vida em comunidade, mas os homens de boa vontade serão tocados pela nossa mensagem e passarão a constituir-se em forças

positivas, construtivas e democráticas. Ao invés de evitar esses grupos vamos procurar conquistá-los para a vida democrática. Quando se educa uma criança não se sabe se dali vai resultar um benfeitor da Humanidade, um herói ou um delinquente. Educamos a todos, para dar-lhes maiores oportunidades de se tornarem bons indivíduos e cidadãos úteis. É assim, também, com alguns membros das comunidades.

Outra pergunta usual diz respeito à presença de políticos militantes nos grupos comunitários. Indagamos-nos se devemos evitar e até combater essa participação de políticos nas reuniões e trabalhos comunitários. Nossa resposta é bem clara e enfática: muito pelo contrário! Devemos encerrar essa participação como normal e até benéfica. Nada temos contra os políticos e a política.

Os políticos, quase unanimemente, têm ajudado o MOBRAL e a política permeia todas as atividades humanas. É totalmente legítimo que um político queira sobressair pela presença e participação nos trabalhos comunitários. E se ele luta conosco pela satisfação das aspirações da comunidade isso é motivo de júbilo. Nesse momento estamos atingindo nossos objetivos, a política está servindo aos seus propósitos legítimos e o povo está sendo beneficiado. E se eventualmente um político quiser apenas se aproveitar da comunidade, a conscientização inerente à educação comunitária levará as pessoas a discernir e mostrar-lhes a indiferença que merece.

O trabalho comunitário não comporta preconceitos. NOVO MOBRAL é educação, integração, proposta democrática, verdade comum!

Arlindo Lopes Corrêa
Presidente do MOBRAL

PAIS E FILHOS NO POSTO COMUNITÁRIO

O MOBRAL está realizando em Manaus, no Morro do Sacrificio, uma experiência nova: os núcleos de desenvolvimento infantil.

Segundo a Coordenadora Adjunta no Amazonas — Maria das Dores Barbosa — quem iniciou a atuação do MOBRAL junto aos favelados foi o grupo da campanha Esporte Para Todos, em 1977. Desde então, todos os demais programas vêm sendo desenvolvidos ali — Alfabetização Funcional, Educação Integrada, Educação Comunitária Para a Saúde e Cultural.

Entretanto, segundo Maria das Dores, um dos mais importantes é o atendimento infantil, conforme contou no Primeiro Encontro do Projeto de Criação de Núcleos de Desenvolvimento Infantil, realizado no Rio de Janeiro, entre 23 e 27 de junho último:

“... é um trabalho de atendimento a crianças de até seis anos de idade, pretendendo abranger, na sua totalidade, as áreas de saúde, alimentação, educação e lazer, contando com o envolvimento dos pais, voluntários, outras entidades e a comunidade em geral. A experiência nasceu em decorrência de um trabalho de ação comunitária que estava sendo realizado naquele local, abrangendo todos os programas do MOBRAL, em conjunto com o Serviço Social da Indústria, Legião Brasileira de Assistência, Superintendência de Desenvolvimento da Pesca e Campanha da Merenda Escolar.”

A EXPERIÊNCIA

Cerca de 3.000 pessoas, egres-

sas da zona rural em busca de melhores condições, constituem a população favelada nesse morro, às margens do Rio Negro, onde os problemas são inúmeros e onde as necessidades foram sendo levantadas e, na medida do possível, atendidas, a partir de um intenso trabalho comunitário. Assim, surgiram as primeiras classes de alfabetização e de educação integrada. O entrosamento do MOBRAL com outras entidades facilitou o desenvolvimento do trabalho e o SESI, por exemplo, começou a atender ao grupo de crianças na faixa de 7 a 12 anos.

O Clube de Mães, formado há algum tempo, debatia, em suas reuniões, os problemas comuns de falta de assistência médica e condições precárias de saúde e higiene. Sentia a necessidade urgente de melhores condições de vida para as crianças.

Iniciou-se, então, um trabalho com as gestantes, dando-lhes orientações sobre os cuidados para melhorarem a sua saúde e a de seus bebês.

Mas, ainda assim, o problema apenas começava a ser resolvido. Notava-se a falta de atendimento à criança na faixa de zero a seis anos, que as mães frisavam nas reuniões mensais do Clube. Elas precisavam trabalhar, queriam trabalhar, e a demanda de mão-de-obra era grande, devido à Zona Franca. No entanto, não tinham com quem deixar os filhos, a não ser sob os cuidados de irmãos menores ou mesmo sozinho, como às vezes acontecia.

Feita uma sondagem junto às diferentes entidades e comunidades

de Manaus que já vinham trabalhando com essa faixa etária, decidiu-se atender, prioritariamente, aos filhos cujas mães pertenciam ao Clube. O Governador do Estado foi procurado e, de imediato, autorizou a Secretaria Estadual de Educação a colocar suas professoras à disposição para esse trabalho, ficando o MOBRAL encarregado de fornecer o transporte para elas.

A comunidade começou a movimentar-se com a nova idéia. Os alto-falantes e as cartas divulgavam as boas novas; mães e crianças desciam as ladeiras para conhecer melhor o programa.

Aos sábados e domingos, as casas eram visitadas pela equipe e se explicava que aquilo não era um trabalho do governo; que o lugar onde as crianças seriam atendidas pertencia à comunidade e que, assim sendo, a sua total participação era indispensável.

Mas esses esclarecimentos ainda não eram tudo. Um trabalho de maior orientação aos pais surgia como uma nova necessidade.

Através de um técnico do MOBRAL Central, foi explicado aos pais o que é uma criança, quais as suas características, o benefício e a utilidade das brincadeiras e a importância, para ela, de ter um espaço para brincar.

A Merenda Escolar engajou-se também no projeto e a alimentação, para até duzentas crianças, foi garantida por todo o ano de 1980.

Entretanto, novo problema: qual seria o local para o núcleo das crianças?

E as mesinhas, as cadeiras, o

material escolar?

O exíguo espaço do Posto Cultural, que foi desde o início o integrador de todos os programas, sendo sede das reuniões mensais do grupo, limitava os participantes. Assim, a própria comunidade partiu para a construção de novo local. Para isso, vem arrecadando fundos através de jogos educativos semanais, contatos com o comércio local e a Feira de Bugigangas, onde todo domingo a comunidade compra e vende aquilo de que não mais precisa, obtendo recursos para a obra.

A esse atendimento foi dado o nome de “Núcleo de Desenvolvimento Infantil”, pelo qual é paga uma taxa de Cr\$ 50,00, fixada pelos próprios pais após uma das reuniões mensais. Com esse dinheiro, complementa-se a alimentação doada pela Merenda Escolar, o que permite às crianças receberem um substancial almoço todos os dias. As mães revezam-se no preparo do mesmo e recebem, paralelamente à execução da tarefa, noções básicas de higiene.

E, para melhorar ainda mais a alimentação das crianças, uma horta comunitária foi criada com a ajuda de um engenheiro-agrônomo que trabalhou como voluntário.

Como disse Maria das Dores Barbosa, “o mais importante desse trabalho foi a preparação dos pais; toda a explicação que lhes foi dada sobre a necessidade de espaço, recreação livre e dirigida, atividades em grupo, etc., para o desenvolvimento de seus filhos. Foi-lhes mostrado que se pode aprender brincando”.

Mas não é só. A par desse trabalho, outros cursos vêm propiciando um aprimoramento profissional para os pais — técnico em eletricidade, corte e costura, manicura e arte culinária, entre outros. O atendimento médico vem sendo feito pelo SESI, ali representado pelo Dr. Salvador, grande entusiasta desse tipo de trabalho.

Por outro lado, o Clube de Mães, apoiado e orientado pelos grupos de Educação Comunitária para a Saúde e por uma enfermeira, fez o levantamento de todas as gestantes do local, as quais ouviram palestras e receberam atendimento pré-natal.

Toda a comunidade está engajada nesse trabalho, cuja dificuldade maior, até agora, é exatamente o pouco espaço físico do Posto Cultural — agora Comunitário — onde todas as atividades se desenvolvem. Assim, os pais fizeram os móveis para o Posto, três estagiários de Serviço Social trabalham ali, os jovens ajudam a cuidar dos pequeninos e muitos voluntários da Coordenação dedicam algumas horas à comunidade.

Os resultados já começam a surgir; a adesão ao trabalho comunitário é cada vez maior; as famílias se entrosam cada vez mais; a integração da comunidade para um mesmo objetivo já é uma realidade.

JORNAL AÇÃO COMUM
cada vez melhor

Água Branca e Sítio Novo - mais dois exemplos



Um dos grupos comunitários do Município de Água Branca, no Piauí, está situado na Avenida José Miguel, na periferia da Cidade. Surgiu em 1977, a partir do Programa de Educação Comunitária para a Saúde, que reuniu a comunidade, conheceu, debateu e procurou solução para os problemas básicos, através de mobilização e campanhas.

Assim é que, após o diagnóstico feito pelo MOBRAL junto aos grupos comunitários, partiu-se em busca da erradicação do primeiro mal — a falta de fossas nas residências. Juntos, MOBRAL, Legião Brasileira de Assistência e Prefeitura elaboraram um projeto de fossas secas para os grupos, sendo então construídas trinta e nove com mão-de-obra dos próprios moradores, que se movimentaram através de rifas, leilões e outras promoções.

O segundo problema também acaba de ser resolvido, graças à união dos grupos. Através do animador Mercides, uma reunião foi marcada com a presença dos membros da Comissão Municipal do MOBRAL, técnicos da Prefeitura e demais pessoas encarregadas de serviços públicos. Houve entendimentos entre a COMUN e o técnico do MOBRAL para que fosse elaborado o projeto. O MOBRAL Central concedeu uma pequena importância e a Prefeitura liberou a área.

Representantes dos grupos e membros da Comissão Municipal foram até a AGESPISA — Empresa de Água e Esgoto do Estado, da qual conseguiram 500 metros de cano e estava pronto o chafariz que hoje abastece toda a comunidade.

SÍTIO NOVO TAMBÉM

Segundo conta o Assistente da Coordenação Estadual do MOBRAL do Piauí, Francisco das Chagas Moura, o mesmo aconteceu na localidade de Sítio Novo, no Município de Nazaré do Piauí, que enfrentava diversos problemas que diziam respeito a toda a comunidade.

Igualmente, após a implantação do Programa de Educação Comunitária para a Saúde, foram criados os grupos, levantados e debatidos os problemas.

Tendo à frente a animadora Maria das Dores Silva Costa, a comunidade desenvolveu campanhas de vacinação, fossa, filtro e hortas caseiras. Para resolver o problema da água para o uso doméstico, os grupos buscaram a Prefeitura, através da qual conseguiram o local e parte dos recursos para a compra do material destinado à construção da fonte de água, aproveitando a nascente que havia na localidade. A outra parte foi liberada pelo MOBRAL Central, através da destinação de uma pequena verba.

Com a participação efetiva da comunidade, o grupo entrou com toda a mão-de-obra e demais materiais, sendo o total estimado em Cr\$ 6.500,00.

Divididos em grupos de trabalho, os habitantes do núcleo já conseguiram a água, o que contribuiu bastante para atenuar o problema da verminose ali existente, e partem agora para uma nova campanha: a melhoria das casas, notadamente no que se refere ao piso e reboco.

Ação Comunitária a partir da Alfabetização Funcional

A Coordenação Estadual do MOBRAL no Distrito Federal também vem desenvolvendo um plano de Educação Comunitária que visa a estimular nas comunidades uma atuação consciente, através de esforço cooperativo, a partir de grupos já engajados com o MOBRAL — as classes de Alfabetização Funcional.

Os principais objetivos do plano se resumem em conscientizar alfabetizadores e alunos para a ação comunitária, preparando-os para um trabalho de educação nesse sentido. Partindo das salas de aula, atingiu-se outras entidades e a comunidade em geral.

O trabalho é feito a partir do levantamento de interesses e necessidades dos alunos, em torno dos quais se desenvolve o planejamento das aulas. Semanalmente são realizadas atividades que incluem projeção de filmes, palestras sobre assuntos diversos (direitos e deveres do trabalhador, saúde e higiene, alimentação e previdência social), atividades esportivas, cursos de trabalhos manuais e gincanas para a fixação dos assuntos estudados, todos com a participação de elementos da comunidade, convidados pelos próprios alunos.

Os locais usados são os mais diferentes: sala de aula, igrejas, auditórios e pátios de escolas.



Avaliações constantes, sob a forma de depoimentos de Agentes e Supervisores envolvidos no Plano, propiciam o aprimoramento do trabalho, uma vez que surgem as novas necessidades e interesses dos grupos.

A continuidade da ação é garantida pela preparação dos alunos de quarto mês de aula, visando a integrá-los com outros grupos da comunidade, junto aos quais passarão a trabalhar após o término do curso.

VOCÊ CONHECE ESTA COLEÇÃO?

COLEÇÃO Cada Cabeça é um Mundo...



Entre todos os programas importantes que o MOBRAL oferece, um deles veio a calhar para a época atual: ele ensina a criar, a utilizar e a reaproveitar coisas e objetos antes considerados impréstáveis. Ele ensina,

enfim, a economizar e, dessa maneira, a atravessar um pouco melhor as dificuldades por que passa o mundo de hoje.

Afinal, desde o início do mundo, o homem se transforma e transforma as coisas que o cercam, através das experiências que a vida traz e dos conhecimentos que adquire em contato com os outros homens. Muda, assim, o jeito de ser, de gostar, de querer e de resolver.

E também transforma as coisas: o algodão em fios, os fios em tecidos, os tecidos em roupas, roupas usadas em retalhos e os retalhos em colchas.

É que desde o início do mundo o homem precisa conhecer para poder viver. Cada cabeça é um mundo e, juntas, muitas cabeças criam a sabedoria popular. Uma sabedoria que passa de pais para filhos,

através dos tempos.

Assim sendo, o Programa TECNOLOGIA DA ESCASSEZ criou a coleção “CADA CABEÇA É UM MUNDO”, onde reuniu verdadeiras jóias da sabedoria popular de todo o Brasil.

Uma coleção que você encontra no Posto Cultural do MOBRAL do seu município. Uma coleção que merece e deve ser folheada, para você ficar conhecendo aquilo que tantos criaram em benefício de todos nós.

Faça um proveito dela e, caso você também tenha uma idéia ou conheça alguma coisa nesse sentido, não tenha dúvidas: mande imediatamente ao MOBRAL, para que possa ser utilizada, igualmente, por outras pessoas.

ação comum



No Rio Grande do Sul, a 500 km de Porto Alegre, no sul do Estado, fica Canguçu, município criado em 1857, desenvolvido com base nas colonizações italiana e alemã.

Hoje, a agropecuária é sua principal fonte de riqueza, garantindo aos 15.000 pequenos proprietários rurais existentes uma vida modesta, mas sem privações. O grande número de minifúndios, 8.200 com menos de 20 hectares, coloca Canguçu como o segundo município brasileiro em pequenas propriedades, situação que se reflete na própria distribuição da população municipal: 80.000 habitantes, sendo 15.000 na zona urbana e 65.000 na zona rural.

Fixar a família no campo, aumentar a produção agrícola, trabalhar pelo pão, casa e vestuário, são objetivos presentes na vida de qualquer agricultor brasileiro. Só que nem todos conseguem realizar esse sonho. "Aqui em Canguçu, nós, pelo menos, temos a terra, somos donos da nossa roça e do nosso nariz. Temos problemas, mas temos a satisfação de plantar e colher o que é nosso. E isso dá muita segurança".

(morador da zona rural)



O frio, a geada, o forte calor do verão, as cobras, traçadeiras e venenosas, o barbeiro ou chupão, como é conhecido na região, nada disso prejudica tanto os habitantes deste simpático município gaúcho, quanto o drama da comercialização dos seus produtos — na venda, os agricultores ganham pouco.

Plantando milho, soja, cebola, feijão, para consumo caseiro ou para a comercialização, desenvolvendo uma fruticultura variada (os pêssegos são deliciosos), expandindo o rebanho leiteiro de quase 6.000 cabeças, enfim, aproveitando cada palmo de seu chão, o homem do campo é o esteio de Canguçu, sua própria razão de ser e de existir.

Na zona urbana, o dia-a-dia dos moradores de Canguçu corre com a tranquilidade comum a todas as cidades pequenas, onde a população tem garantido o básico para sua subsistência. Um bate-papo no barzinho mais próximo; um futebolzinho no campo junto à Prefeitura; a missa aos domingos, ou o culto, se o cidadão é protestante; as historinhas do Teixeira, o guarda da cidade; as novelas da televisão, e principalmente, o trabalho duro, diário, retratam a vida da gente que mora na sede do município.

Mas é na zona rural que se concentra o trabalho do PRODAC, pois lá está a maior parte dos habitantes e os problemas mais graves: a falta de escolas, assistência dentária, estradas e eletrificação rural, além, é claro, do prejuízo do agricultor na venda de seus produtos. Isso sem falar no barbeiro, no chupão, dividindo nas casas mais humildes, sem reboco, o espaço e a vida com seus moradores.

"A vida do pequeno proprietário aqui na região não é fácil. Nós passamos muito aperto, mas fome, frio e sede ninguém passa".

(morador da zona rural)

O trabalho do PRODAC encontrou, na zona rural de Canguçu, campo fértil para lançar suas sementes, para discutir com a população o melhor caminho para a resolução de alguns dos seus problemas. Nisso, o PRODAC contou com um aliado essencial: o espírito valente, a determinação e o companheirismo do homem do campo dessa terra boa de Canguçu.

PRODAC EM CANGUÇU

O trabalho do PRODAC em Canguçu já começou com força total. Várias localidades foram contatadas, vários grupos foram formados, tendo como objetivo principal todos discutirem os problemas de todos.

Vila Marques, Rincão dos Marques, Rincão dos Melões, Lagoa dos Pereiras, Fortaleza, Cotilha dos Piegas, são algumas das localidades na zona rural onde o trabalho comunitário se desenvolveu.

As dificuldades levantadas eram inúmeras. Por onde começar? Os grupos pouco a pouco percebiam a importância do trabalho. Nas reuniões, os

assuntos debatidos traziam à tona muita coisa que permanecia encoberta pela velha mania de se tentar resolver sozinho a vida de cada um.

As várias localidades, afastadas umas das outras, longe da sede do município, sentiam falta de tudo. Do dentista e da luz elétrica até a falta de

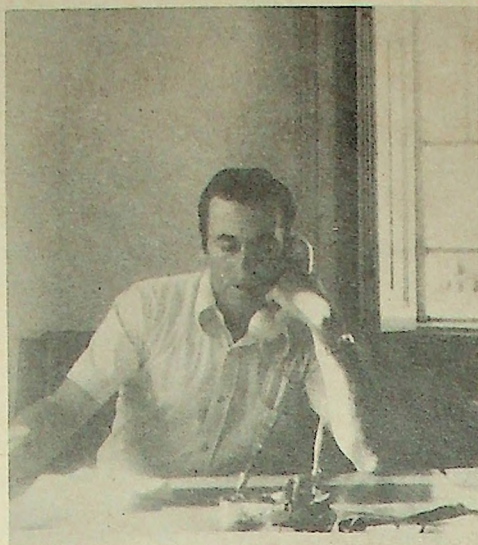
escolas para a gurizada. Pela própria opinião dos grupos e pela disposição do prefeito em fazer valer, custe o que custar, o direito de todos ao ensino fundamental, a educação foi o primeiro passo. Uma por uma, as várias localidades foram conhecendo melhorias na área do ensino.

EDUCAÇÃO, PRIMEIRO PASSO

RINCÃO DOS MELOES

uma escola contra o êxodo rural

Em Rincão dos Melões, pequena localidade da zona rural de Canguçu, 120 crianças estudavam numa sala de aula sem o menor conforto, sem as mínimas condições de funcionar como tal.



Apoecides Corrêa, Secretário das Finanças.

"Mas não dava para ser diferente. Esta sala funcionava há mais de 30 anos numa residência particular que, bem

ou mal, permitia aos alunos estudarem sob um teto. Mas a situação começou a apertar. A sala era pequena demais, muitos pais pensaram em se

mudar para a zona urbana porque não conseguiam vaga para seus filhos e a Prefeitura não tinha recursos para construir uma escola".

(Apoecides Corrêa Borges, membro do Grupo Comunitário e Secretário de Finanças da Prefeitura).

Daí a idéia da formulação de um projeto, solicitando recursos ao Fundo para o Desenvolvimento Comunitário — FUNDEC, mantido pelo MOBRAL.

Dito e feito. Projeto formulado, aprovado, participação da comunidade assegurada e a construção da escola já iniciada, com uma previsão de três meses para a conclusão da obra. E tudo dentro de um espírito de trabalho conjunto e de divisão de responsabilidades: o terreno doado por um morador local, o



Dentro de um trabalho comunitário, as gerações se encontram.

grupo comunitário entrando com Cr\$ 30.954,00, o FUNDEC com Cr\$ 38.819,00 e a Prefeitura com Cr\$ 51.350,00, totalizando Cr\$ 121.123,00 o custo global do projeto.

Dentro de pouco tempo, as crianças de Rincão dos Melões terão sua própria escola, e seus pais, menos um motivo para pensar em deixar sua terra e sua gente.

LAGOA DOS PEREIRAS

O grupo escolar funcionava precariamente. Os alunos não tinham nem banheiros para utilizar. "Como ensinar regras básicas de higiene, se na escola, que deve ser o exemplo para todos, nem banheiro tem?" A professora tinha toda razão. E o primeiro passo do seu João Batista, da dona Justina, do seu Zeferino, enfim, de todo o grupo da Lagoa dos Pereiras, foi construir três fossas para os alunos do grupo. O material foi doado pela Prefeitura, e a mão-de-obra foi trabalho do próprio grupo comunitário.

Tudo pronto, hoje já se pensa em ampliar a sala de aula.



Alegria depois do trabalho concluído.

a Prefeitura e o grupo ajudando, dentro em pouco, tudo pronto. Os alunos da Coxilha dos Piegas já podem estudar até a 6ª série e, futuramente, até a 8ª série. Parabéns ao seu Oscar Furtado, seu Alcebíades, dona Léia e a todos os outros membros do grupo comunitário.

Em Fortaleza,

a história se repete. A Professora Heduvirgen Pellignotte e seus alunos não andavam nada satisfeitos. A escola funcionava numa casa antiga, com goteiras e sem as mínimas condições. Dona Heduvirgen morava longe, caminhando vários quilômetros para chegar até seu local de trabalho. Ciente do problema, o grupo comunitário tomou a seguinte resolução: construir uma nova escola, que agora seria chamada Escola Américo Vespúcio. Nela, além da sala de aula, seria construída uma pequena casa para a professora, seu marido e seu filho. Da decisão à ação, o trabalho não demorou muito. Em pouco tempo, alunos e professo-



Numa pausa do trabalho, o chimarrão.

Na Coxilha dos Piegas,

a professora, moça bonita e dedicada não podia mais ouvir as reclamações constantes dos pais dos alunos. A escola Castelo Branco não tinha instalações suficientes e só atendia até a 4ª série do primeiro grau. Com isso, os alunos não podiam seguir os estudos, pois a escola mais próxima ficava muito distante.

O assunto foi debatido, amadurecido e a decisão tomada, a melhor possível. Ampliar o prédio da escola. Trabalho iniciado, recursos somados,

ra da localidade de Fortaleza estavam mais felizes, com a escola e a casa nova. E assim foi, e assim está sendo. O PRODAC em Canguçu não parou. Entrando de início na área educacional, conseguiu ao mesmo tempo uma grande vitória na mudança dos hábitos de algumas localidades — por que fazer sozinho o que se pode fazer junto? Outras escolas estão sendo melhoradas. A Prefeitura pensa em ampliar a rede de energia elétrica na zona rural e melhorar as estradas por todo o município. Mas não pensa em fazer nada sozinha, nem teria condições para tal. PRODAC e Prefeitura andam de braços dados em Canguçu, tentando fazer, conseguindo, não conseguindo, e principalmente procurando saber porque não e porque sim. Este é o verdadeiro sentido dos trabalhos de ação comunitária.

ação comum

PERNAMBUCO

APRESENTA...

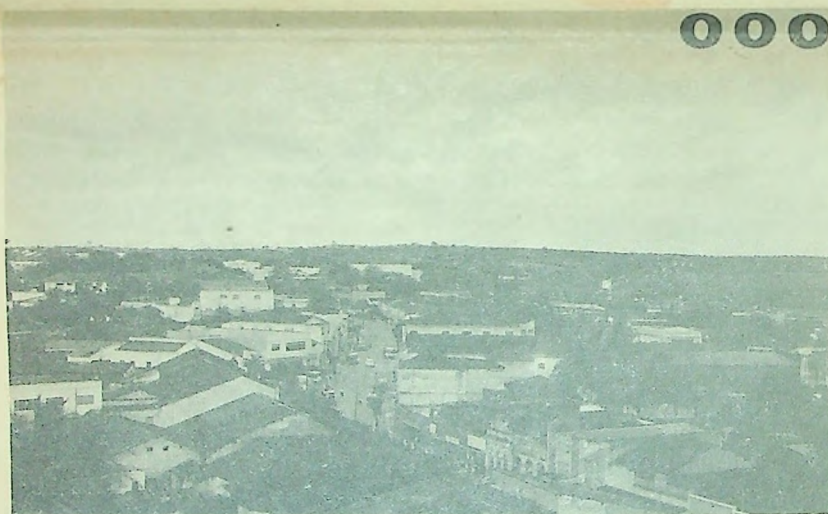
O Estado de Pernambuco pode ser um encontro, no sentido de arte, de vida, de descoberta. Quem se aproxima dessa Terra sente isso. Quando menos se espera, há um rio passando, às vezes tranquilo como se existisse, sutilmente, com uma única função: a de espelhar a paisagem. Mais adiante, uns montes que se fizeram cidade, e também as praias, que são tantas que, por pouco, Recife — a

capital do Estado — não se tornou ilha. Difícil, em Pernambuco, é saber quem não é artista, quem não faz artesanato, pinta, escreve poemas, compõe ou canta. O povo deixa a marca de sua habilidade, de sua imaginação criadora, de sua vontade e de sua existência, gravada no barro, na peça de couro, na madeira ou simplesmente no papel. Pernambuco, que começa no Atlântico com seu mar

calmo, quente, azul esverdeado, estendendo-se até o Alto Sertão, apresenta cidades que se diferenciam por suas ricas particularidades, e é agora que passamos a focalizar uma delas que, pelo esforço de sua comunidade, ao realizar um trabalho hercúleo, foi motivo de nossa reportagem.

...SURUBIM

a jóia do agreste



Vista parcial de Surubim

"O município de Surubim encontra-se situado no Agreste Setentrional do Estado de Pernambuco e tem uma população de aproximadamente 70.000 habitantes — sendo 45.000 na zona rural — espalhados pelos 539 quilômetros quadrados de nossas terras. Vivemos da exploração agropecuária e, por isso, o município atravessa uma crise das maiores, tendo em vista a escassez das chuvas. Hoje, precisamente de ontem para hoje, com as bênçãos de Deus, as chuvas tão esperadas por nós, por nossa população, finalmente aconteceram e isso para nossa economia é muito importante. Nossa cidade se ressurte do abastecimento de água há mais de 20 anos, e isso prejudica nosso desenvolvimento, fazendo com que inclusive 30

a 40% da população tenha saído de nossa cidade por esse motivo".

(Antônio Barros — Prefeito Municipal).

Em Surubim, os dias costumam ser ensolarados e quentes, enquanto as noites, devido à fraca umidade, mostram-se frescas e agradáveis. O rio Capibaribe banha o município e o faz de maneira irregular, pois nas épocas de estiagem transforma-se numa série de poços, mas, nos grandes invernos, toma-se de fúria repentina, às vezes assolando vastas regiões e aglomerados urbanos, em seu longo curso.

"A origem do nome Surubim vem da história de um boi de estimação que pertencia ao fazendeiro Lourenço

Gomes da Costa. O boi tinha umas pintas parecidas com peixe e, por isso, colocaram o nome de Surubim. Em dado momento, o boi desapareceu atolado numa lagoa. Sabe como é, na época de calor a lagoa seca é só fica lama. Quando o boi foi beber água ficou atolado e morreu. Para o fazendeiro foi um acontecimento dramático e, para o povo, aquela localidade ficou sendo conhecida como a do boi Surubim. Com o tempo a coisa foi aumentando e a nossa cidade passou a ter esse nome".

(Lenise Leal Barros — Presidente da Comissão Municipal do MOBIL).

Viver em Surubim é viver em tranquilidade, como se tudo fosse uma grande família. A uma distância de 112 km de Recife — a capital do Estado — o município tem no milho, feijão e algodão, e na criação de gado, o ponto for-

te de sua economia. A agricultura é praticada em pequenas propriedades, onde o cultivo se faz na época do inverno, e a fruticultura apresenta como principais produtos o caju, goiaba, maracujá e manga.

"Nossa cidade já foi considerada o município-modelo do Estado de Pernambuco. Surubim vem se destacando por suas vaquejadas, que já são conhecidas nacionalmente. Em setembro, outubro, todos os anos realiza-se a grande vaquejada, que foi inclusive cantada pelo Quinteto Violado. O que nos falta para o progresso total da cidade é a água, mas no dia que se colocar água em Surubim, eu acho que ninguém pode parar mais a cidade. E não é à toa que Surubim é conhecido e considerado como a Jóia do Agreste!"

(José Augusto Filho — morador).

ESPEPAR POR QUÊ ???

A tranqüila Surubim é terra-berço de gente famosa, como é o caso do animador de televisão Abelardo Barbosa — o popular Chacrinha, o saxofonista Juarez e também Lourenço Barbosa, o Capiba, compositor e poeta dos mais consagrados. Surubim é terra de um povo forte e trabalhador, que enfrenta com coragem a seca e as enchentes que todos os anos teimam em acontecer. Sim, porque o povo de Surubim já não espera apenas que Deus o ajude, ou que a Prefeitura dê um jeito. E um exemplo disso é a história do PRODAC, iniciada em 1975. Ao chegarem ao município para organizar o trabalho, os técnicos do MOBRAL encontraram todo o apoio não só da comunidade, mas também de Entidades como o Sindicato Rural, a Diaconia, o Círculo Operário, e da Prefeitura Municipal. Inicialmente, foram feitas reuniões com a população para explicar o trabalho, que seria o de mobilizar, organizar e conscientizar grupos de pessoas que pudessem, juntos, de alguma maneira, tentar resolver problemas que os afligissem. E, para saber que problemas eram esses, foi feita uma pesquisa em que a própria população dizia quais eram e apresentava sugestões de como resolvê-

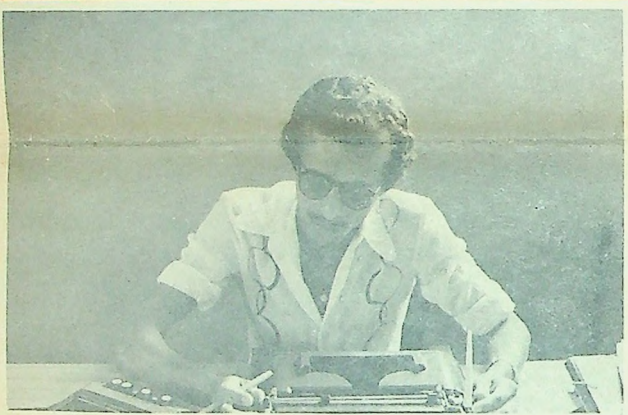
los. E assim foi feito, e assim as coisas se desenvolveram. Hoje, existe um grupo na sede do município, que procura auxiliar os outros três, da zona rural. E enquanto o trabalho se desenvolve,



Na foto os beneficiados com a campanha de óculos. A esquerda vê-se o Prefeito Antônio Barros, presente à solenidade de entrega.

com as pessoas dando tudo de si, para ajudar o próximo, as Entidades permanecem atentas, preparadas, quando solicitadas, para entrar na luta por melhores dias. E é assim que o PRODAC — Programa Diversificado de Ação Comunitária — se apresenta na bela cidade de Surubim. Um dos exemplos do trabalho que o Grupo de Ação Comunitária desenvolveu, em conjunto com a Comissão Municipal do MOBRAL, foi a campanha de óculos. Dona Lenise, Presidente da Comissão, explica: "Quando se está promovendo numa localidade uma atividade que vai ser executada, o Coordenador do PRODAC, que é Seu Ambrósio, faz ciente a Comissão. Porque a Comissão Municipal faz parte do PRODAC. Tanto é que, no Posto Cultural, já foram dados diversos cursos para que as pessoas do PRODAC se interessassem. Tivemos o de enfermagem, de violão, de práticas agrícolas."

Nós fazemos palestras dizendo o que é o MOBRAL, os seus Programas, e as pessoas ficam muito entusiasmadas. Resolvemos então fazer a campanha de óculos em todas as classes do MOBRAL, procurando dar incentivo aos alunos que têm problema de visão, porque eles alegavam que não freqüentavam as aulas porque não enxergavam. Então, os que se apresentavam com o problema eram levados ao médico oftalmologista e, se fosse necessário, ele prescrevia os óculos que seriam distribuídos depois. O importante era que a pessoa se beneficiasse com os óculos e freqüentasse as aulas do MOBRAL. Para isso, houve um convênio do MOBRAL com médicos ligados ao INPS, ou até mesmo a médicos particulares, segundo o qual a Coordenação Estadual do MOBRAL pagaria a esses médicos para atenderem a essas pessoas. Foram 137 óculos, distribuídos aqui no Posto Cultural. O importante é que as pessoas que ganharam os óculos, todas elas, nenhuma abandonou a sala de aula. No momento a campanha está suspensa, mas no futuro, quem sabe..."



Israel Crispim, Presidente do Sindicato Rural, que faz um trabalho conjunto com o PRODAC.

“Um dia Seu Ambrósio apareceu por aqui, fazendo reunião com o povo e acabou que ele pediu que ajudasse a reunir o pessoal, e fazer um grupo nosso daqui. Eu fiquei como responsável. Aí, nas reuniões onde todo mundo podia dar opinião, ficou resolvido que a gente devia atacar um problema que era de todos. Aí resolvemos fazer a campanha das fossas. E acabamos construindo 92 casinhas sanitárias.”

A localidade é Tambor de Cima, distrito de Surubim. Quem nos fala, é João Félix da Cunha, paraibano, nascido na cidade de Patos, e que mora ali há mais de 30 anos. Ele é o coordenador do grupo comunitário.

“Olha, moço, a minha opinião é que esse trabalho do PRODAC foi uma grande vantagem para o povo, porque se cada pessoa da comunidade fosse ficar parada, esperando ajuda, ninguém ia conseguir nada. Esse trabalho foi uma vantagem para juntar o povo, e fez muito benefício para nossa saúde.”

Tambor de cima é um lugar simples, onde quase a totalidade de seus moradores vive da agricultura. Como sempre, existe uma exceção. No caso, é o próprio João Félix, que é funcionário da Prefeitura.

“A coisa aconteceu mais ou menos assim: o povo se organizou e conseguiu tijolo e telha. É claro que mão-de-obra também. O resto do material foi a Diaconia que cedeu. Tinha material para fazer umas 60 casinhas, mas conseguimos chegar a 92. E a distribuição ficou

TAMBOR de CIMA vivia doente

dessa maneira: eu ficava com todo material. Então, quem queria fazer sua casinha sanitária vinha até mim. Eu pegava o nome da pessoa e dava o cimento, o ferro que coubesse numa laje, o cal, a brita, a manilha e a curva, a bacia. Aí era só reunir o grupo, conseguir o tijolo e a telha, e pronto. A casinha sanitária estava pronta.”



Na campanha das fossas todo mundo ajuda.

Enquanto João Félix nos conta é fácil sentir o entusiasmo que toma conta dele. “Foram 92!” Sua voz se torna mais vibrante e pode-se perfeitamente sentir que esse trabalho é um orgulho para ele. Mas... fica uma indagação: por que construir 92 casinhas sanitárias?

“A diferença agora é total. O pessoal aqui não tinha casinha sanitária, e o “material” era solto aí na terra. E agora se evita muita coisa. Aqui era sempre gente com febre e, depois disso, diminuiu bastante. O pessoal cobrou mais uma saúde. A turma não tem mais aquela febre que tinha.

As doenças que sempre apareciam, diminuiu bastante depois disso. Foi grande coisa. Serviu muito. (João Félix).

Nesse trabalho, na hora de reunir, todos participaram. Cada um ajudava como podia. Homem, mulher ou criança.

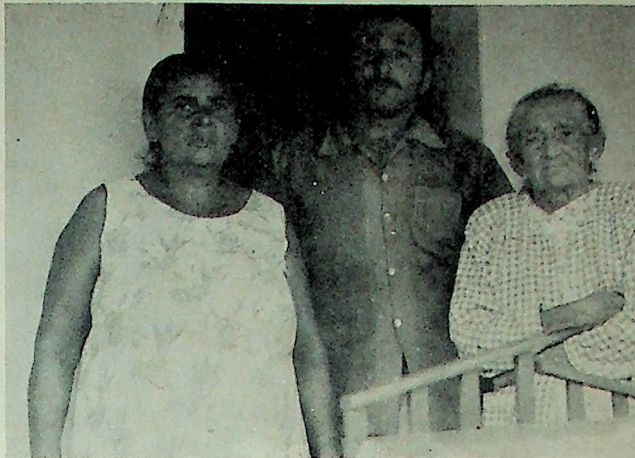
Severina Maria Silva de Lima, moradora de Tambor de Cima, é quem diz:

Eu achei esse trabalho muito bom, porque evitou de muitas doenças ruins. Quando não tinha fossa o pessoal fazia as necessidades pela terra. Aí os sapos vinham e comiam aquele cocô e iam pra dentro do barreiro e era dali que a gente tomava água.

O pessoal de mais idade, como é o caso de Dona Rita Félix da Costa, de 78 anos, dá sua opinião:

Valeu mesmo, valeu muito! Agora é uma coisa que a gente vai e não dá nojo, não tem cisma de ir no aparelho. Aqui teve um tempo do compadre João, galego que dominava isso aqui, fizeram umas fossas. Mas a gente tinha nojo de se abaixar nelas. Porque era quase rente com o chão, sabe? Agora não, é uma coisa mais decente, mais direita. A gente não tem cisma, nem medo de se abaixar. Agora não tem mais aqueles micróbios que tinha. O povo vivia doente, e agora não. Eu tinha nojo

de ir naqueles aparelhos cheios de sapo, de porcaria. Hoje tem os aparelhos limpos para o povo se servir muito bem



Dona Severina, Seu João e Dona Rita que ajudaram muito na campanha das fossas.

Mas isso parece que foi, apenas, o primeiro trabalho do grupo comunitário de Tambor de Cima. Nas reuniões, que de vez em quando eles fazem, novos planos e idéias vão aparecendo. João Félix diz que planos seriam esses:

Nós já nos reunimos e já vimos até o lugar que a gente vai fazer um poço. E também estamos até pensando em água encanada. O importante é a gente parar e trabalhar por nós todos.

ACÇÃO COMUM — É uma publicação da Gerência de Programas de Ação Comunitária — GEPAC, do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL, Rua Visconde de Ouro Preto, 62 — Botafogo.

PRESIDENTE
Arlindo Lopes Corrêa
SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marília Santos da Franca Vellozo
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea
Redigido pela GEPAC e editado pela GECOM — Gerência de Comunicação Social

Se você está interessado em ter maiores informações sobre o PRODAC, em tirar dúvidas quanto ao trabalho comunitário, ou tem sugestões para nos dar, procure o Supervisor de Área do MOBRAL de seu município, o Auxiliar Comunitário, a Coordenação do MOBRAL de seu Estado ou escreva à Gerência de Programas de Ação Comunitária — GEPAC, Rua Visconde de Ouro Preto, 62, Rio de Janeiro - Botafogo CEP 20.000

EM JUNCO:

«é pra já»

Falar para Luís José Fernandes em ficar sem fazer nada, é o mesmo que falar em doença. Ele não gosta desse tipo de conversa. Mas, experimente falar em realizar um trabalho que vá beneficiar a ele e seus vizinhos, e aí seguramente Seu Luizinho, como é conhecido pelas 115 famílias do local, sorri e diz: "É pra já!"

O trabalho no distrito de Junco teve início em 1979. Seu Luizinho explica: "A coisa começou aqui quando o pessoal do Sindicato Rural e o povo do PRODAC vieram aqui pra saber com a gente o que a gente precisava para melhorar as condições de nossa comunidade. Aí nós pensamos que o melhor que tinha era a gente fazer um salão, que era a base do desenvolvimento do trabalho. Depois do salão construído, a gente podia começar outros planos. Por causa disso fizemos muitas reuniões que era pra todo mundo entender direito o trabalho que ia ser feito."



Seu Luizinho, sempre à frente dos trabalhos.

De fato, as coisas assim aconteceram. Entendido por todos que o primeiro trabalho deveria ser a construção do Centro Comunitário — o salão, como muitos chamam — todos se uniram e passaram a planejar a obra. A primeira coisa: onde construir? Isso não foi grande problema, porque Seu Luizinho doou o terreno. A 2ª coisa: quem vai construir? Se o terreno deixou de ser problema, muito menos a mão-de-obra. Logo reuniram 21 pessoas que chamaram de "grupo de frente". E Seu Luizinho continua a explicação: "A gente escolheu o dia de sexta-feira para avantejar a obra, porque é o dia que a gente não vai pro rogado, e assim tem mais folga. Antes de começar eu achei difícil porque pensava que o povo não ia ajudar, mas depois, fazendo reuniões, explicando, teve dia de chegar tanta gente que não tinha o que fazer de serviço pra eles".

A construção do Centro Comunitário foi um trabalho de que todos participaram: homens, mulheres e crianças. Dona Josefa Francisca Soares, moradora e professora de corte e costura da localidade, é quem nos conta: "Sempre sonhava que isso fosse acontecer, mas como parece que somos fracos, sem condições de construir, a gente precisava de ajuda. O trabalho foi sério. Muita gente desenganou pensando que a coisa não ia pra frente. As mulheres e crianças trabalharam do mesmo jeito. Carregavam água do açude, pegavam areia do rio, que tem uma distância medonha, e tudo isso com bacia e panela na cabeça."

Bom, o terreno e o pessoal para trabalhar já havia. Acontece que, sendo um local onde as condições financeiras dos moradores são muito ruins, a grande preocupação era de fato conseguir o material para construção. Através do Grupo de Ação Comunitária, o qual Seu Ambrósio lidera, conseguiu-se que um prático fosse até Junco e fizesse, sem cobrar um tostão, a planta da obra. Foi então que, no dia 23 de agosto de 1979, começou o trabalho. Primeiramente um grupo foi até o rio quebrar pedras, colocar essas pedras nos jumentos e levar para o local que havia sido determinado. Depois foi cavada a base. Para comprar material, a Diaconia ajudou um pouco, e o



Com a ajuda de muitos o centro comunitário está quase pronto.

restante do dinheiro foi conseguido na própria comunidade: "Pra ajudar, a gente fazia rifa. Comprava um objeto, como uma panela de pressão, e aí a gente fazia campanha vendendo os bilhetes. O que sobrava de dinheiro do preço do objeto, servia como ajuda pra construção. Fizemos festinhas e até pescaria, tudo pra arrumar dinheiro para terminar o Centro Comunitário". (Maria de Lourdes da Silva — moradora).

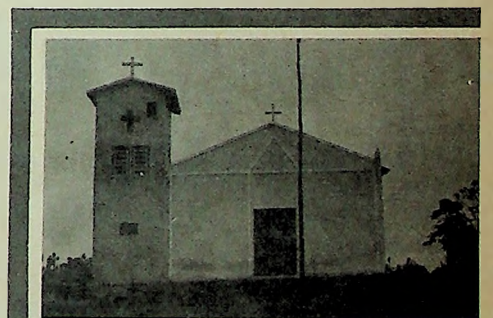
Com 65 metros quadrados, o Centro Comunitário está praticamente concluído. E é ali



Dona Josefa está esperando o centro comunitário ficar pronto e ali dar suas aulas de corte e costura.

que os moradores de Junco pretendem fazer suas reuniões, receber treinamentos e orientações que os ajudem no dia a dia, e servirá também como sala de aula. Dona Josefa, que dá aula de corte e costura na sua própria casa, diz: "Nesse apertado em casa de família não tem condições de dar aula. Nós távamos necessitando de um salão apropriado pra essas coisas. Depois dessa construção tá valendo a pena, e vai valer. Todas nós vamos precisar do salão".

Em Junco também, através de mutirão, foi feita uma capela porque, conforme a opinião dos moradores, eles tinham que ter seu lugarzinho de reza. E as coisas não pararam aí. Em reunião, o grupo resolveu fazer uma campanha de fossas e, hoje em dia, já existem 82 casinhas sanitárias construídas. Nessa campanha o planejamento foi feito da seguinte maneira: a comunidade deu o tijolo e mão-de-obra, enquanto a Diaconia forneceu o restante do material. "Com essas fossas aqui tudo ficou melhor. Antes, muita gente não tinha condições de fazer uma fossa, e agora que fizeram, as crianças e os adultos, ganharam com isso. Agora é difícil de acontecer problemas de verminose". (Josefa Francisca Soares — moradora).



O grupo também construiu a capela e que capela!

A água é de uma importância muito grande, não só para os moradores de Junco, como também para todo o interior do Estado. Ela é escassa, e quando chega a seca, os problemas são terríveis. E esse foi um dos assuntos discutidos pelo grupo comunitário de Junco. "Estamos pensando em fazer um açude para que não falte água pra nós. Fazer poço não é solução porque encontrar água é muito difícil, e, quando aparece, ela é salgada. Com o pessoal ajudando, vai ser muito fácil trabalhar". (Seu Luisinho).

Cartão de Visita

Quem não conhece, chega e olha, não pode imaginar que aquele homem, que está nos recebendo no Círculo Operário, possa ser seu Ambrósio. Sua aparência humilde, o jeito manso de falar, somado aos seus 68 anos, chega a nos confundir, diante do tanto que as pessoas da cidade falam sobre ele. Afinal de contas, é opinião geral que seu Ambrósio é um dos maiores líderes do trabalho comunitário de Surubim. E tem mais, é uma das pessoas mais ativas e trabalhadoras no município. Vivendo há 10 anos em Surubim — nasceu em Bom Jardim — Ambrósio Ivo Aureliano é daquelas pessoas que marcam sua presença durante a vida, principalmente pelo trabalho que realizam. E a esse trabalho comunitário já vem se dedicando há cerca de 40 anos, sendo atualmente o Presidente do Círculo Operário e participante do Grupo de Ação Comunitária do PRODAC — Programa Diversificado de Ação Comunitária do MOBRL. Seu Ambrósio vive modestamente, sobrevivendo da aposentadoria do FUNRURAL, e consegue mais algum dinheirinho do Sindicato Rural, onde trabalha há mais de 10 anos. Seus 8 filhos, todos estão casados, e, portanto, já “parti-



“Mesmo se o MOBRL acabasse com todas suas atividades, eu não encerraria meu trabalho, e tenho certeza que o pessoal dos GALs também não parava. Pode acabar PRODAC, pode morrer Ambrósio, que o trabalho continua em Surubim”.

ram” como diz ele. Sendo viúvo, sobra-lhe o tempo necessário para fazer o bem para o próximo. Aliás, do sentimento e da fé cristã, ele jamais se afasta. Para a realização de um trabalho comunitário, segundo seu Ambrósio, é necessário que se façam presentes 2 coisas: humilde e desinteresse de dinheiro. E o que nos parece, é que o que se fala também se cumpre, porque a sua dedicação, o seu carinho, a sua fé e esperança no trabalho comunitário que se realiza em Surubim, é mais do que uma simples atividade, mais, muito mais, um exemplo de amor ao próximo. Já aconteceu de entrar pela zona rural adentro para realizar um trabalho de mobilização e só voltar para casa 1 mês depois. Quando da implantação do PRODAC, foi incansável à procura de pessoas que pudessem colaborar, e para isso fez reuniões em diversos locais da cidade, participou ativamente da primeira pesquisa, quando foram revelados os problemas do município, e depois continuou, como até agora, a organizar os GALs — Grupos de Ação Local, para que eles desenvolvam atividades em conjunto, diminuindo assim, os problemas apontados.

“É A PALAVRA DE TODOS QUE VALE”

OS VERMES SÃO INIMIGOS DE SUA FAMÍLIA



OS VERMES CAUSAM DOENÇAS GRAVES NO SEU ORGANISMO

Na parede do mini-posto de saúde de Mimoso, está pregado o cartaz. Mimoso é um distrito de Surubim, bem parecido com os outros, principalmente pela condição humilde do lugar. Aí, também, o PRODAC está presente e, para isso, lá existe um grupo que trabalha comunitariamente, procurando conscientizar as outras pessoas da localidade, no sentido de que elas procurem se unir, na tentativa de solucionar os problemas comuns, evitando assim que as dificuldades se acumulem. Seu Ambrósio, do Grupo de Ação Comunitária, embora more na sede do município, também teve participação ativa na formação do grupo de Mimoso. Primeiro, as reuniões se sucederam, houve muita conversa para que se soubesse exatamente o que se desejava. Como sempre acontece, algumas pessoas acabam se interessando mais do que as outras, e é aí que surgem aqueles que, geralmente, ficam à frente do trabalho, incentivando e coordenando as atividades de todo grupo. E foi assim que Maria do Socorro do Carmo Arruda foi escolhida pelo próprio grupo para

ser a coordenadora. Ela trabalha no mini-posto, como orientadora de saúde e sabe exatamente o valor do serviço ali realizado. “Esse posto para a comunidade de Mimoso representa muita coisa. É através desse mini-posto que as pessoas da comunidade são beneficiadas, em vez de se deslocarem daqui para irem para a cidade. Afinal, moram 96 famílias nesta localidade, que precisam que o estado, a FUSAM e a Prefeitura continuem mantendo o mini-posto”. Em consequência das várias reuniões com os moradores, surgiu a idéia da construção de fossas. A mão-de-obra a comunidade daria, mas o problema estava em conseguir recursos para comprar material. Foi, então, que o Grupo de Ação Comunitária recorreu ao MOBRL, para que, através do seu Fundo de

Desenvolvimento Comunitário — FUNDEC — conseguisse o dinheiro necessário.

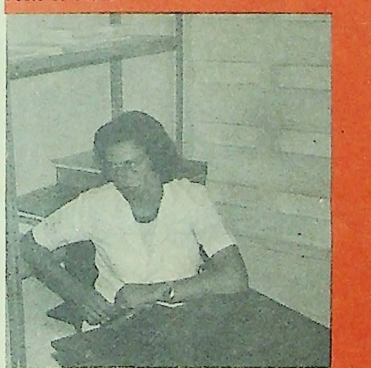
O FUNDEC procura estimular os grupos, de modo que possibilite uma atuação mais efetiva de seus participantes. A finalidade é complementar recursos, já angariados na comunidade, para a execução das atividades constantes de um plano de trabalho. E assim foi feito. O grupo se reuniu, e, através do Círculo Operário, foi enviado ao

“dou sim”, responde Dona Maria Terezinha da Silva, enfermeira do posto. “O exame de fezes, que acusava muita verminose, agora mostra que na maioria das pessoas está diminuindo os vermes”.

Mas o que parece é que o benefício do trabalho de construção de fossas não foi só na parte de saúde. Segundo Maria do Socorro, agora os moradores estão mais unidos: “O pessoal, depois que fez as fossas, mudou de comportamento. Na obra da calçada da Igreja São José, que eles resolveram fazer por conta própria, trabalharam mais ou menos umas 50 pessoas. Durante uma semana trabalhou homem, mulher e até criança. As crianças carregavam pedra, faziam cimento e juntavam areia”. E o trabalho não parou aí. Estão sendo feitas hortas caseiras, mas para utilização em conjunto. Isto quer dizer, que a horta feita numa determinada casa vai para muitas outras. Isto porque todos compram as sementes e, depois que recebem orientação, vão plantar e cuidar. Está dando certo e cada vez aumenta mais o número de hortas. Além das hortas, a comunidade fez também uma campanha de filtros, quando foram vendidos mais de 300 filtros.

Como é uma comunidade de poucos recursos, o Grupo Comunitário se juntou à EMATER, comprou os filtros e vendeu para os moradores, que pagavam em parcelas. E o trabalho vai parar aí? E agora, o que se vai fazer? Maria do Socorro responde: “Nosso trabalho vai depender do que a comunidade decidir. É a palavra de todos que vale”.

Maria do Socorro prestando sua colaboração no Posto de Saúde.



MOBRL, o plano de trabalho para a execução de 83 casas sanitárias, tendo sido solicitado Cr\$ 56.268,00. Aprovado pelo MOBRL, o dinheiro foi enviado para o Grupo e aí o trabalho começou. Maria do Socorro explica: “Minha participação foi divulgar a utilidade que têm as privadas, participar das palestras com a equipe de Ambrósio e ir de casa em casa levando a mensagem do trabalho, orientando como poderiam fazer esse trabalho. Em vez de mutirão com muitas pessoas, os moradores resolveram se reunir em três para construir”. Até agora foram construídas 51 fossas e, ainda, tem umas 4 que já estão quase prontas. E com esse trabalho alguma coisa mudou? “Ah, mu-

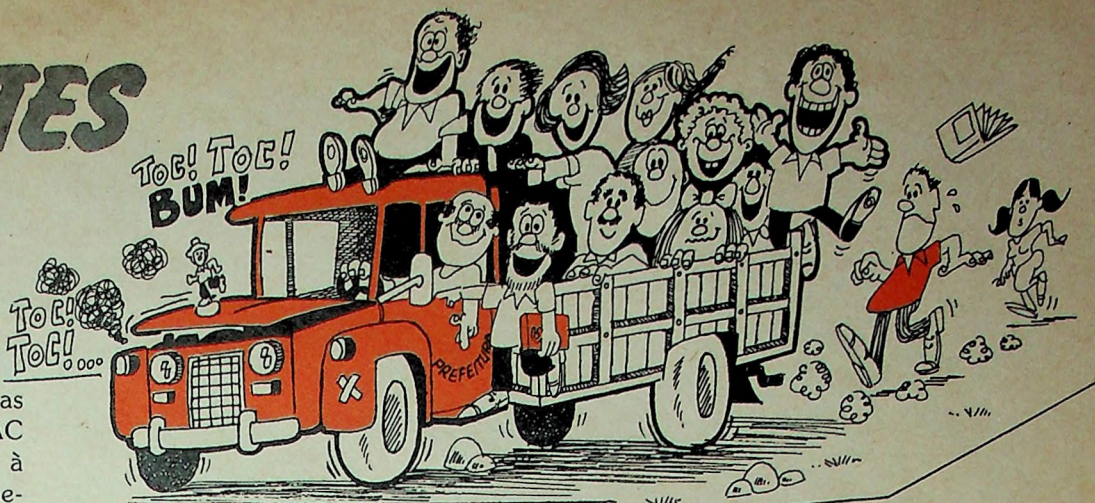
Posto de Saúde



OS ESTUDANTES VÊM AÍ!

Todas as quintas e sexta-feiras, em Canguçu, as pessoas que fazem parte dos grupos criados pelo PRODAC (GAL) começam a se movimentar, organizando-se à espera dos estudantes. Logo de manhã cedo eles chegam, vindos de uma cidade próxima — Pelotas, para que, junto com esses grupos da zona rural do município, procurem soluções para os diversos problemas existentes. Todos os estudantes são da Universidade Federal de Pelotas que, através do CRUTAC — Centro Rural Universitário de Ação Comunitária, fez um acordo com a Prefeitura de Canguçu, possibilitando a realização desse trabalho.

Tudo ficou acertado dessa maneira: a Universidade seleciona e treina os alunos, a Prefeitura se responsabiliza pelo transporte, e a comida é fornecida pelos grupos que são beneficiados com as atividades realizadas com os universitários. Para que isso dê certo, o planejamento é feito com antecedência. Por exemplo, para que esses grupos, geralmente compostos de pessoas humildes, possam obter recursos para fazer a comida, eles realizam festas, jogos e quermesses por eles mesmos planejadas.



D. Norma, representante da Legião Brasileira de Assistência no município, é que faz o acompanhamento de todas as atividades dos universitários, e diz: "No início parecia que estávamos em banho-maria, porque não sabíamos exatamente o que ia acontecer. Era um trabalho novo. Isso foi há 3 anos. Quando surgiu o PRODAC, o trabalho ficou integrado. Os universitários ficam sabendo através do Grupo de Ação Comunitária (GAC) as localidades que mais precisam de sua presença e quais as necessidades ali existentes. Normalmente os trabalhos são iniciados em março, quando cerca de 30 a 40 alunos chegam, acompanhados pelo professor, ansiosos para colocar em prática os ensinamentos recebidos na sala de aula."

As atividades são as mais variadas, dependendo do planejamento e das necessidades dos grupos comunitários: assistência na área da agronomia, com ensinamentos de técnicas de plantio, utilização do solo, etc; na área jurídica, através de instruções, orientando o agricultor interessado em solicitar empréstimos ao Banco do Brasil e na própria economia doméstica, discutindo, com as donas de casa, os melhores meios de aproveitamento das verduras, frutas etc. Tudo isso, com uma equipe fixa e uma volante, atendendo às diversas localidades da zona rural.



Ao centro, o Reverendo.

MUITO PRAZER, REVERENDO

Com 103 kilos, mais de 1 metro e 80 de altura, a figura do Reverendo Herbert Weiduschadt impressiona sobretudo pela agilidade de seus gestos. Com 36 anos, casado e com 3 filhos ele, sempre que pode, não dispensa o futebol de salão, tampouco a cervejinha. Na sua opinião, o papel da Igreja deve ser sempre o de trabalhar para o povo e pelo povo, mostrando não só a eternidade, mas também a necessidade do bem estar aqui na terra.

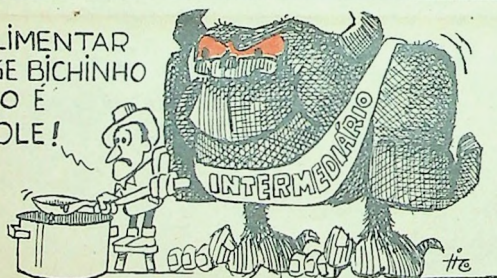
"A proposta do PRODAC é excelente, pois, em vez de o povo ficar ao abandono, sem saber nem mesmo o que fazer, agora ele parte para trabalhar comunitariamente. Acho que essa proposta de trabalho já deveria ter vindo há mais tempo"

Apresentando diariamente, na rádio local, o seu programa "Horinhas com Deus", o reverendo faz uma campanha permanente para que o EU passe a ser NÓS, e o "cada um por si e Deus por todos" passe a ser "todos por

um, um por todos, e Deus com todo mundo".

Sua fisionomia mostra os traços da origem alemã, e é com sua voz alta e grossa que diz: "Eu tento quebrar a desconfiança do povo que, depois de muito tempo enganado, ludibriado, fica receoso em relação ao trabalho em conjunto. Isso no início, porque depois que engrena é uma beleza. Como no caso da localidade de Rincão dos Melões. O pessoal não estava querendo muito o trabalho por lá. Estava meio receoso. Aí eu resolvi fazer uma visita. Assim que cheguei e comecei a conversar, uma velhinha, a vovó, a maior liderança local, gritou: Aleluia, o Reverendo está aqui! A vovó, que é muito respeitada, conseguiu que todos passassem a apoiar o trabalho do PRODAC. Hoje, Rincão dos Melões está construindo sua escola. E é essa uma das grandes missões da Igreja, apoiar a promoção humana, pela construção de uma vida melhor".

ALIMENTAR ESSE BICHINHO NÃO É MOLE!



"Em tese, a solução para o problema da comercialização dos produtos agrícolas está nas cooperativas, mas outras coisas entram para dificultar: a falta de consciência do nosso povo frente ao problema, os hábitos comerciais da região e algumas experiências que fracassaram no passado, com cooperativas administradas de maneira desonesta. Por enquanto, estamos apenas semeando a idéia".

(Gilberto Moreira Mussi, o prefeito)

Pois é, o homem chave, responsável pelo pão que vai à mesa do brasileiro, é o agricultor. Ele prepara a terra, semeia, espera, colhe, enfrenta o frio, o calor, o perigo da geada e, no final das contas, aparece o intermediário e ganha o pedaço maior do bolo. Saem perdendo os que não podiam perder: o agricultor e o consumidor.

NAS COOPERATIVAS UMA SOLUÇÃO

Nessa situação, a saída mais aconselhável seria o esquema das cooperativas. Os produtores agrícolas se reunindo, decidindo, e sendo os intermediários dos seus próprios produtos, tirando fora a figura do atravessador. Mas, é como afirmou o prefeito, não se pode mudar uma mentalidade de 100 anos em 100 dias.

Pelas próprias experiências passadas, pelos hábitos comerciais, por tudo, enfim, o espírito do cooperativismo ainda não está presente no dia e na noite do agricultor de Canguçu. Mas, por milhares de experiências bem sucedidas de cooperativas no Brasil e no mundo, com os homens do campo dirigindo a venda dos seus próprios produtos e, também, pelo crescimento do trabalho comunitário, é que temos certeza: Canguçu brevemente, será também a terra das cooperativas bem sucedidas.

Se você está interessado em ter maiores informações sobre o PRODAC, em tirar dúvidas quanto ao trabalho comunitário, ou tem sugestões para nos dar, procure o Supervisor de Área do MOBRL de seu município, o Auxiliar Comunitário, a Coordenação do MOBRL de seu Estado ou escreva à Gerência de Programas de Ação Comunitária — GEPAC, Rua Visconde de Ouro Preto, 62 Rio de Janeiro — Botafogo CEP 20.000

expediente

AÇÃO COMUM — É uma publicação da Gerência de Programas de Ação Comunitária — GEPAC, do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRL, Rua Visconde de Ouro Preto, 62 — Botafogo.

PRESIDENTE
Arlindo Lopes Corrêa
SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marília Santos da Franca Vellozo
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea

Redigido pela GEPAC e editado pela GECOM — Gerência de Comunicação Social

"...e agora vamos divulgar uma nota do GAC. O Grupo de Ação Comunitária, GAC, está avisando aos grupos das localidades a seguir que a equipe do MOBRAL vai passar hoje às 13:30 horas na Lagoa dos Pereiras, às 14:30 na Coxilhas dos Campos, e às 16:30 no Passo dos Saraiva. É importante o comparecimento de todos os membros do grupo. Assina pelo GAC a doutora Edna Strelow".



Nesse momento foi dado o aviso e, com certeza, ele será ouvido por grande número de pessoas, principalmente da zona rural de Canguçu, que está sempre com o rádio ligado. Sendo o único meio de comunicação utilizado pela população, é através das duas emissoras da cidade — Cultura e Liberdade — que diariamente são fornecidas

as mais diversas informações. Carlos Pinheiro, locutor da Rádio Cultura, é quem diz: "O nosso serviço de utilidade pública é usado com bastante freqüência. Na falta de um jornal local, as pessoas utilizam nossas emissoras para avisos a familiares, amigos, e também para enviar recados do PRODAC aos grupos comunitários. Nós sempre colocamos os microfones à disposição, gratuitamente, em qualquer horário".

As rádios locais têm grande audiência, segundo Gilberto, locutor da Rádio Liberdade, porque a população

de Canguçu prefere escutar as notícias da sua cidade, deixando, por isso, de sintonizar até mesmo as emissoras da Capital do Estado.

Dentro da programação está o "Vivendo e Aprendendo", educativo, divulgador de técnicas e aproveitamento dos mais variados recursos locais, para utilização por parte da comunidade, bem dentro do espírito da "Tecnologia da Escassez". A medicina caseira, a culinária, a construção e outras atividades são alguns dos aspectos abordados pelo programa.

Alô, Alô, Canguçu!

! Bola pra frente, Prefeito!



Gilberto Moreira Musi, prefeito de Canguçu, é um profundo conhecedor de sua terra. Entendendo que a proposta do PRODAC só tem a acrescentar na administração de qualquer prefeitura, ele faz questão de acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento

da ação comunitária. "Ele não só acompanha, como também incentiva e ajuda muito", disseram todos os que estão direta ou indiretamente envolvidos com o trabalho nos grupos. Segundo o prefeito, "o trabalho comunitário é a base de tudo. É necessário que exista a participação popular nas principais decisões que dizem respeito às suas vidas. Sem essa participação fica impossível para qualquer administrador conhecer de perto os anseios da população que o elegeu".

Um dos cuidados, neste trabalho, é a união de todos, principalmente da população carente. Em Canguçu a Igreja Católica,



a Igreja Luterana, o MOBRAL, a Prefeitura, os universitários de Pelotas atuam nessa linha, com esse objetivo.

"Nós estamos trabalhando, muitos pontos positivos foram alcançados, mas ainda falta muita coisa, e temos consciência de que o trabalho comunitário em Canguçu não poderá resolver tudo dentro dos limites materiais do município, pois aqui, como na maior parte das prefeituras brasileiras, a situação financeira é difícil". E o prefeito continua, entusiasmado: "Mas de qualquer maneira vale a pena. Sabe por quê? Porque deixando brotar o potencial comunitário da população, incentivando, semeando, trabalhando junto, tudo fica mais fácil. Seja para conseguir resolver os problemas, descobrir os caminhos ou até mesmo conhecer as limitações, para, num futuro próximo, prosseguir, rumo a uma solução".

frases que ficam

"Eu procuro trabalho cada vez mais junto ao grupo, porque acho que é um trabalho válido, principalmente porque visa unir, trabalho de grupo, trabalho de união. Acho que essa é a forma ideal para produzir alguma coisa".

(Dra. Edna, dentista, membro do Grupo Comunitário de Canguçu)

"A minha vida é isso. Trabalhar sempre em conjunto, pois trabalhar sozinho é muito triste e não dá certo. Cada um por si e Deus por todos é um lema muito triste. Aqui nós pensamos diferente".

(Dona Fani, corpo e alma do PRODAC em Canguçu)

"A visão do trabalho em grupo é muito interessante e nos emociona a cada passo do seu desenvolvimento. Um exemplo disso é o caso de uma senhora de 60 anos que, numa das reuniões, se levantou e se colocou à disposição para o trabalho, com uma tal vontade que contagiou a todos que estavam presentes".

(Apocides Corrêa Borges - Secretário de Finanças da Prefeitura)

"O despertar da população para discutir os seus problemas é fundamental. Sem isso, como é que uma pessoa pode dizer que vive realmente? Como é que uma pessoa pode dizer que está insatisfeita se não discute com seus irmãos e amigos porque tudo está assim?".

(Antônio Cesar, morador da zona urbana)



MÚSICA DE BANDA TEM ENCONTRO

Numa promoção destinada a todas as bandas civis do Estado do Rio de Janeiro, começará em setembro o V ENCONTRO ESTADUAL DE BANDAS DE MÚSICA. O encontro será coordenado pela Secretaria de Cultura, Coordenação Estadual do MOBRL e pela Federação Fluminense de Bandas de Músicas Civis, com o apoio da Fundação Nacional de Arte e de O Globo. A primeira fase, de âmbito regional, obedecerá



ao seguinte cronograma: Cabo Frio, 21 de setembro; Rio de Janeiro (Campo Grande), 28 de setembro; Santo Antônio de Pádua, 5 de outubro; Sumidouro, 12 de outubro; Três Rios, 19 de outubro. A segunda fase, de âmbito estadual, será no Município do Rio

de Janeiro, em 26 de outubro. As bandas participantes receberão certificado. As que tiverem atuação restrita à primeira fase, receberão Cr\$ 22 mil ou Cr\$ 18 mil. As selecionadas para a segunda fase, receberão cada uma Cr\$ 44 mil ou Cr\$ 36 mil.

Teatro: um ponto de partida para Ação Comunitária



A Comissão Municipal do MOBRL, em Cuiabá, (MT) se fez representar no Rio de Janeiro, em visita ao MOBRL Central, através de seu presidente, Manuel Agostinho Souza Filho, e de seu encarregado cultural, João Batista Cavalcanti da Silva.

Nessa ocasião, eles contaram ao AÇÃO COMUM a experiência de trabalho que vem sendo desenvolvida nos municípios matogrossenses a partir de representação teatral.

Em 1977, após uma viagem de assistência técnica de Antônio Carlos Gerber aquele estado, surgiu o Grupo Selva, que se compõe, atualmente, de 10 elementos. Muitas peças têm sido apresentadas pelo grupo que já percorreu todos os municípios do Estado, tendo visitado também Mato Grosso do Sul e São Paulo.

As apresentações são feitas em todos os lugares disponíveis: postos culturais, salões paroquiais, centros comunitários, escolas, etc.

A autoria das peças varia: ora é criação coletiva do grupo, ora do Encarregado Cultural, ora da própria comunidade. De um trabalho direto com as comunidades faveladas surgiu a peça intitulada Favela, cuja mensagem é cada vez mais bem recebida pelas comunidades.

Surgiram, em decorrência de suas representações, associações de moradores, hoje em

número de vinte e cinco que, através de comissões que se dirigem às autoridades, têm obtido tudo aquilo que desejam. Conseguiram o que parecia impossível: a não remoção das favelas para outros locais.

No último 21 de abril, mais de cinquenta moradores de oito bairros de Cuiabá foram os personagens da peça Vida e Morte de Tiradentes, apresentada num campo de futebol, onde dois caminhões serviram de palco para platéia de quase três mil pessoas. Toda a encenação foi preparada por elementos da comunidade que fizeram cenários, guarda-roupas e até o próprio texto.

O teatro foi o meio encontrado em Mato Grosso para o desenvolvimento de uma verdadeira Ação Comunitária. Peças sobre saúde, higiene, problemas de água, alimentação, etc. levam a comunidade ao conhecimento mais profundo de sua realidade e à busca de soluções.

TODOS PARTICIPAM

O comércio e a imprensa locais vêm dando grande apoio ao trabalho, especialmente no que se refere à divulgação do mesmo.

O Grupo Selva mantém contato com a Universidade Federal de Mato Grosso, cujo Departamento de Artes tem auxiliado muito o grupo, particularmente na produção de cartazes para divulgação das peças.

Intérpretes da canção em Festival

Pela quarta vez consecutiva, a Comissão Municipal do MOBRL de Realeza, Paraná, realizará o seu Festival de Interpretação da Canção, nos dias quatro, cinco e seis de setembro próximo.

Esse Festival já atravessa as fronteiras estaduais, com a participação de grande público interessado procedente de outras regiões. É um trabalho de forte cunho comunitário, acionado pelo Programa Cultural com ativa participação de diversas entidades educativas, sociais, culturais, e da comunidade em geral, que se dedica por inteiro ao acontecimento.

A Comissão Municipal de Realeza é presidida por Gilberto Sordi. Lourenço Suzin é o Secretário-Executivo. Pedro Dotto, o Encarregado Cultural. E Renato A. Neis, o Encarregado do Subsistema de Supervisão Global. Juntamente com seus companheiros, envolvem povo, entidades, comércio, escolas, para garantir o total êxito do Festival. Todo o Sudoeste paranaense, praticamente, participa da mostra. Um trabalho comunitário com ramificações para todas as localidades circunvizinhas, realizado com o espírito que comanda as ações do Novo MOBRL, imbuído do clima de alegria e congraçamento, motivado por uma das manifestações mais empolgantes do homem: a canção.

O MOBRL Central, através do AÇÃO COMUM, almeja ao IV FIC o sucesso de sempre e coloca-se à disposição dos seus organizadores, para noticiar os resultados do mesmo.

Festival e Concurso em Veranópolis

.....

Numa promoção conjunta da Prefeitura Municipal de Veranópolis (RS), do MOBRL, do Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Roça Reúna e do Movimento Tradicionalista Gaúcho, será realizado, no próximo dia 30 de agosto, no Pavilhão da FEMAC, o IV FESTIVAL REGIONAL DE ARTE POPULAR E FOLCLORE.

Entre muitas das atrações programadas estão um desfile dos cavaleiros do CTG Rincão da Roça Reúna, um arroz carreteiro aos visitantes e a realização dos concursos de gaíças, declamações, duplas regionalistas, conjuntos vocais, chulas, trovadores e danças. À noite haverá um baile com animação do "Grupo Musical Amantes da Querência" e à meia-noite a divulgação dos classificados e entrega dos prêmios. Durante o concurso haverá fogo de chão e roda de chimarrão.



Ainda em Veranópolis, realizou-se a seleção dos melhores "slogans" sobre preservação do meio ambiente, durante a semana de 02 a 08 de junho, quando se comemorou a Semana do Meio-Ambiente. A comissão julgadora selecionou o "slogan" de Aldo Bortoncello, um menino de 10 anos que apresentou a seguinte frase: "Preserve hoje a natureza, amanhã poderá ser tarde demais".

Ação Cultural

MINAS GERAIS SUL

A Supervisora de Área, Maria Aparecida Dias vem desenvolvendo, na cidade de Mirai, um trabalho no sentido de a comunidade conseguir comprar a casa onde nasceu o cantor Aulfo Alves. Para tanto, já entrou em contato com o filho do cantor, com a finalidade de angariar apoio e ajuda para a aquisição do imóvel, patrimônio da cidade.

SANTA CATARINA

A Agência Cultural da Coordenação Estadual já deu início aos Encontros de Encarregados Culturais do Estado, sendo o primeiro realizado no pólo de Caçador.

Os próximos encontros serão desenvolvidos nos pólos de Itajaí, Ituporanga, Tubarão e Chapecó, sendo atendidos, ao todo, 197 municípios, dos quais 159 já possuem Postos Culturais.

Por outro lado, também já está pronto o regulamento do VI Encontro Estadual do Programa Cultural do MOBRL em Santa Catarina — o EMOBRES.

O Encontro será realizado na cidade de Brusque, no Vale do Itajaí, de 26 a 28 de setembro próximo, contando com seis áreas de competição.

RIO GRANDE DO NORTE

Em alguns municípios já foi implantado o Baú da Criatividade, iniciativa que conta com o total apoio da comunidade, que doa material para a realização dos diversos cursos.

Os objetos confeccionados durante os cursos serão vendidos, sendo o material posteriormente reposto para a realização de futuros aprendizados.

Também, na maioria dos municípios foi iniciada a preparação para o II Encontro Estadual de Cultura Popular, a ser desenvolvido na segunda quinzena deste mês. As comunidades envolvidas apresentarão as seguintes atividades:

- Desfile de trabalhadores com os seus instrumentos de trabalho, banda de música; rendeiras, doceiras e bonequeiras.
- Paineis — medicina caseira, ditos e lendas.
- Trabalhos — pinturas, trabalhos de alunos e brinquedos de antigamente.
- Feira — artesanato (prioritariamente o artesão anônimo) e comidas típicas.
- Show — danças folclóricas, violeiros e teatro.

RIO DE JANEIRO

A Coordenação Metropolitana desenvolveu um excelente trabalho junto ao Grupo Jovem e Departamento Feminino do Centro Comunitário de Camboatá e Associação dos Moradores de Tavares Bastos, por ocasião da inauguração dos Postos Culturais de Anchieta e Botafogo.

JORNAIS RECEBIDOS



Capa do jornal "O Cariri", editado pelo Posto Cultural de Livramento, Paraíba.

Novos jornais e informativos dos Postos Culturais e Comissões Municipais continuam chegando à redação do nosso jornal e, após devidamente apreciados e extraídas algumas matérias, são arquivados.

Assim, recebemos e agradecemos o "Jornalzinho Cultural 6 de Setembro", nº 5, de junho de 80, editado pelo Centro Cultural Belenense, com o apoio da Prefeitura Municipal de Belém.

Recebemos, também, a revista "O Participante", nº 3, de Três Lagoas, Minas Gerais Sul, que tem o seguinte expediente: redatora — Antonieta J. Costa Araújo (Encarregada Cultural); secretária — Doranilda Garcia da Silva (Encarregada de Profissionalização); Supervisoras de Área — Wailda Ricartes da Silva; Tereza Mota Borges (Encarregada Financeira e de Apoio); Delcino B. Pereira (Secretário Executivo); Marlene Del Santos (Encarregada Pedagógica e de Supervisão Global); diagramador — Almerindo Izabel Viana; Homenagens — Ana Maria Honório (Agente Cultural); Francisco de Assis Diniz (Agente Cultural) e Prof. Orlando Mongelli (Coordenador Geral).

"O Companheiro", números 8 e 9, de fevereiro e março do corrente, editado pela Comissão Municipal de Santos, São Paulo, tendo como redatora responsável Lady B. Von Atingen e colaboradores diversos.

"O Guê, Ano I, nº 1, de maio/junho do corrente, editado pela Casa do Lazer e da Amizade, além da Comissão Municipal de Cristalina, Distrito Federal. "O Guê" foi fundado no dia 16 de maio último e tem como responsáveis Dorim Campelo, Miguel Alves, Waldete Abadia, Debenur e o Grupo Jovem.

Igualmente, chegou-nos "O Informativo", órgão oficial do Posto Cultural de Delfim Moreira, no bairro de Barreirinho, Serra Clara, Minas Gerais, que já está na terceira edição.

Esperamos que as Coordenações, Postos Culturais e Comissões Municipais, principalmente, continuem remetendo as suas publicações ao "Ação Comum", que selecionará e divulgará algumas matérias, notadamente aquelas que versarem sobre ação comunitária.

Da mesma maneira, nos colocamos à disposição para quaisquer informações necessárias, através da nossa seção de cartas.

O nosso endereço é: Rua Voluntários da Pátria, 53, Botafogo, Rio de Janeiro - RJ. Escrevam-nos.

Notícias do Maranhão

MOBILIZAÇÃO

Em São Luiz (MA) a mobilização e recrutamento de alunos e alfabetizadores contou com o apoio da Mobralteca e do 24º Batalhão de Caçadores que, através de seu Comandante, Coronel Hernane Guimarães, levou os militares a auxiliarem no levantamento. O Comandante revelou grande interesse pelo trabalho do MOBRL, colocando-se à disposição para outras atividades.

POSTO CULTURAL

A inauguração de mais um Centro Social Urbano em São Luiz (MA) propiciou a implantação também de mais um Posto Cultural. Animada pela presença da Mobralteca, a inauguração contou ainda com a participação de diversas autoridades, entre as

quais merecem destaque o Governador do Estado, Dr. João Castelo Ribeiro Gonçalves e sua esposa, Sra. Gardênia Ribeiro Gonçalves, além do Secretário de Trabalho e Ação Social, Dr. José Bento Neves.

DIGA O QUE É O NOVO MOBRL

A Coordenação Estadual do Maranhão vem desenvolvendo diversas atividades relativas ao NOVO MOBRL — AÇÃO COMUNITÁRIA. Uma delas foi um concurso lançado através de todas as rádios da capital, solicitando aos ouvintes a resposta sobre o que é o NOVO MOBRL. Divulgadas pelas próprias rádios, foram selecionadas sete respostas vencedoras, cabendo a cada autor uma coleção de livros como prêmio.

ALFABETIZAÇÃO DE ÍNDIOS

As comunidades indígenas de Pau Brasil e Comboios de Baixo, no Município de Aracruz (ES) tiveram abertas duas classes de alfabetização, através do Programa de Ação Comunitária e Alfabetização Funcional. Os 38 alunos da classe têm como alfabetizadora a filha do Cacique de Pau Brasil.

Em ação conjunta com o Representante da FUNAI naquele Município, a Coordenação Estadual do MOBRL participou de um levantamento sobre os costumes, aspirações e dificuldades daquelas comunidades. A ação comunitária, em atendimento àquelas aspirações, no entanto, precisou ser suspensa em virtude de desentendimentos entre indígenas e brancos por motivo de demarcação de terras. O MOBRL aguarda a solução da disputa e um pronunciamento da FUNAI para assinatura de convênio e continuidade do trabalho.

CAMPANHAS EM MONDAÍ

Higiene, saúde e conservação do solo são temas de palestras no meio rural de Mondai, em Santa Catarina, através de campanha feita pela Comissão Municipal do MOBRL naquela localidade.

"Minha Escola Mais Bonita" é o título de uma outra campanha que circulará por todas as escolas de Mondai, visando atingir melhoramentos tais como novas instalações, cuidados de higiene e reparos daqueles estabelecimentos. No mês de julho foi concluído o "Curso Para Empregadas Domésticas", ministrado pela monitora Vali Callai. As 15 candidatas receberam certificado de conclusão de curso, em coquetel oferecido pela Comissão Municipal.

Essas e outras atividades fa-

zem parte de um plano de ação traçado pelos novos integrantes da Comissão Municipal de Mondai, da qual fazem parte: Ernani Vito Utzig, Presidente; Teresinha Daltoe, Secretária; Fani Garcia, Encarregado de Área Cultural; Zilda Peixer, Encarregado da Área Pedagógica; João Astor Bourscheit, Encarregado da Área de Divulgação; Reinhart Röwer, Encarregado da Área Financeira; Izidoro Mueller, Encarregado da Supervisão Geral; Lauro Schaffazick, Encarregado da Ação Comunitária; Silma Hemp, Encarregado da Área Profissionalizante; Maria Clélia Lanius, Encarregado da Área Sanitária e Nilson Wilhelms, Encarregado da Área de Esporte.

Classes para operários

Diversas empresas dos Municípios de Colatina, Serra, Viana e Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, possuem classes de Alfabetização Funcional em seus estabelecimentos. Em

acordo com o Ministério do Trabalho, foi desenvolvida uma ação com vistas ao atendimento de seus operários, aumentando a frequência às aulas e diminuindo o índice de acidentes no trabalho. Entre as empresas que acolheram este sistema estão a Dumilho, Caixa Econômica Federal, Condurgel, Antártica, Metalosa, SICAM, Barbados e Cherne, num total de doze classes mobralenses.

educação e cultura em marambaia

Foi assinado um convênio entre a Federação do Bem Estar Social do Pará, a Campanha Nacional de Alimentação Escolar e o MOBRL, visando a um trabalho conjunto de ação comunitária no Centro Social Urbano de Marambaia.

As entidades ali estiveram representadas, respectivamente, por Fernando Barros (Presidente), Graziela Gabriel (Coordenadora Regional) e Edilson Santos

(Coordenador Estadual).

Todas as atividades a serem desenvolvidas pelo Centro Social Urbano de Marambaia — de caráter pedagógico, cultural, esportivo, etc. — visam primordialmente à ação comunitária procurando ampliar o universo educacional e cultural não só das pessoas atendidas pelo CSU de Marambaia, mas da comunidade em geral.

Casa do lazer

O Posto Cultural do MOBRL de Cristalina (DF) foi transformado em "Casa do Lazer e da Amizade", onde se pretende promover, divulgar e conservar a cultura local. A diretoria da nova casa está assim constituída: Encarregado Geral: Maria de Lourdes Mota Gonçalves; Diretor Geral: Wilton Rodrigues Silveira; Relações Públicas: Vasco Antônio Moreira Gonçalves; e Encarregado de Esportes: Gerson Marques da Silva. Sucesso, são os votos do Ação Comum.

Se você está interessado em receber o "AÇÃO COMUM", mande-nos o seu nome e endereço completo, que mensalmente ele estará em sua casa.

ACAO COMUM

redigido e editado pela Gerência de Comunicação Social — GECOM, do Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRL, Rua Voluntários da Pátria, 53-Botafogo.

PRESIDENTE
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marília Santos da Franca Vellozo
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea

O mobral na feira agropecuária no Amazonas

De 21 a 28 de setembro o MOBRL estará presente na Feira Agropecuária do

Amazonas, com um "stand" alusivo aos dez anos da entidade e uma diversificada programação de atividades culturais. Vale registrar o convite do Governo do Estado, através da Secretaria de Produção Rural, solicitando, especialmente, apresentações da Banda de Música do Posto Cultural de Manacapuru durante o desenrolar da Feira. Também, a apresentação de grupos folclóricos, de teatro amador e projeção de filmes, contribuirá para aumentar o interesse de todos.